Capítulo XXIII — O paganismo e a sociedade

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre a sociedade.

O cristianismo é a lei da caridade universal. Ensina duas coisas: respeitar e dedicar-se. Vencedor do mundo e senhor da educação durante mil anos, penetrara do seu espírito as nações da Europa, nutrindo com a sua seiva vivificante as jovens gerações; e, tanto quanto o permite a fraqueza humana, fizera a sociedade à sua imagem. Daí, durante toda a Idade Média, a ausência quase absoluta de guerra geral entre os povos cristãos; daí as guerras intestinas mais restritas e menos cruéis do que na antiguidade; daí um patriotismo católico que, fazendo da religião a pátria comum, considerava todos os cristãos do universo como irmãos para os quais se tinha ouro a dar e sangue a derramar, qualquer que fosse o clima sob o qual sofressem; daí o espírito cavalheiresco, que punha à disposição do ser fraco o poder desinteressado do nobre e do forte.

Daí o poder soberano, contido em justos limites pela autoridade superior da religião, dando durante esse período mais exemplos de santidade no trono, isto é, de dedicação heroica aos interesses dos povos, do que se viram em todas as outras épocas da história; daí liberdades comunais e provinciais incomparavelmente maiores do que tudo o que se conhecera antes, do que tudo o que se viu depois; daí, enfim, a liberdade absoluta da Igreja, mãe e guardiã de todas as outras; da Igreja, que não se pensava em olhar como estrangeira ou rival, mas que se amava, que se respeitava e que se secundava de todas as maneiras na sua ação social.

Hoje temos a contrapartida desse quadro.

O sinal característico da Europa, há três séculos, é o ódio.

> *Ódio a Deus: quereria abolir-se não somente a sua religião, mas até o seu nome; ódio aos sacerdotes, que se calunia, que se insulta, que se oprime no exercício das suas funções, e que já certos homens proscrevem em esperança; ódio aos reis, aos nobres, às instituições estabelecidas; ódio a toda autoridade; ódio às leis que conservam a paz reprimindo as paixões; ódio aos magistrados que defendem as leis; ódio no Estado, na família; ódio universal que se manifesta pela rebelião, pelo assassínio e por um desejo ardente de destruição.*[1]

Na ordem puramente política, eis as principais manifestações desse ódio, desconhecido dos séculos de fé:

A guerra exterior e intestina quase contínua;

Um amor feroz da liberdade;

Um patriotismo selvagem;

Um despotismo brutal passando alternadamente das mãos da multidão para as mãos de um só;

Um servilismo abjeto;

Uma tendência marcada ao comunismo e à ruína.

Quem produziu, quem mantém esse estado anômalo? De onde vieram essas ideias tão contrárias às ideias cristãs? Como irromperam na sociedade? Por que, banidas da Europa durante mil anos, a invadiram há três séculos? Remontemos à fonte de todas as coisas, interroguemos a educação. Responder-nos-á:

> *Sou eu que faço o homem e a sociedade. Há três séculos sou pagã; em vez de ensinar a amar, ensino a odiar; fiz o homem à minha imagem; o homem transmitiu o que recebeu, e a sociedade tornou-se pagã, e o ódio reinou.*

Com efeito, a lei do ódio era a lei do mundo pagão, e os grandes sinais que anunciam a sua presença na Europa moderna são literalmente os mesmos que a manifestavam no seio das sociedades antigas da Grécia e da Itália.

A guerra exterior e intestina quase contínua: eis o fundo da história de todas as repúblicas clássicas. Ora, há três séculos, que quadro se apresenta cada dia, durante sete anos, ao estudo e à admiração da juventude da Europa? A guerra. À parte alguns pormenores insignificantes de costumes e de organização interior, que se nos ensina a conhecer de Roma, de Atenas, de Esparta, de Tebas, de Cartago, do Peloponeso, da Macedônia, da Pérsia, das Espanhas, das Gálias e da Germânia? A guerra. Os etruscos, os volscos, os équos, os veienses, os samnitas e uma multidão de outros povos só nos são conhecidos pela guerra. Não somente os homens, mas os deuses, nos apresentam o mesmo espetáculo. Com as torpezas dos imortais, que nos mostra o Olimpo? A guerra. Expressão viva da lei do ódio que regia o mundo pagão, a guerra, a guerra no céu e na terra: tal é o elemento em que crescemos.

Nem um campo de batalha onde não nos tenham passeado, desde Maratona até o Trébia, desde Arbela até Farsália; nem uma carnificina que não tenham posto diante dos nossos olhos; nem um saque de cidade a que não tenhamos assistido; nem exércitos inimigos entre os quais não tenhamos tomado partido; nem grande capitão cuja vida não tenhamos lido, cujas proezas não nos tenham ensinado, cujos discursos não nos tenham repetido, cujos planos e estratagemas não nos

tenham explicado; numa palavra, nem uma fibra guerreira no nosso coração de criança que não tenham remexido, remexido muitas vezes, remexido longamente, remexido profundamente.

Ora, que eram, nas suas causas e nos seus efeitos, todas essas guerras de que a história nutre a nossa jovem alma? Era o ódio universal, filho do egoísmo, satisfazendo-se pelo exercício do direito brutal do mais forte: a injustiça e o banditismo. Contudo, apaixonavam-nos por todas essas obras; éramos obrigados a admirar os que foram os seus heróis; os nossos livros e os nossos mestres davam-lhes os nomes de grandes, ilustres, imortais. Cuidavam de mostrar-no-los, de volta das suas expedições, cantados pelos poetas, honrados pelo senado, pelo areópago e pelos arcontes, cobertos dos aplausos do povo e, em carros de ouro ou de marfim, subindo ao Capitólio.

Esses homens e esses fatos que se propunham à nossa admiração, propuseram-nos desde a Renascença à admiração não somente dos filhos do povo, mas ainda dos filhos dos nobres e dos reis. Chamado a fazer a educação dos sucessores de são Luís, Amyot, bispo de Auxerre e tradutor de Plutarco, não conhece, depois da Sagrada Escritura, cuja leitura ainda era costume aconselhar, modelos mais acabados para um príncipe do que os grandes homens de Atenas, de Esparta e de Roma.

Escreve nestes termos ao seu real discípulo, dedicando-lhe a sua tradução:

> *Tendo tido a grande ventura de ser posto junto de vós desde a vossa primeira infância, quando mal tínheis quatro anos, para encaminhar-vos ao conhecimento de Deus e das letras, pus-me a pensar quais autores antigos seriam mais idôneos e mais próprios ao vosso estado, para propor-vos a leitura quando chegásseis à idade de poder tomar-lhe algum gosto; e porque me pareceu que, depois das santas letras, a mais bela e mais digna leitura que se poderia apresentar a um jovem príncipe eram as Vidas de Plutarco, pus-me a rever o que começara a traduzir na nossa língua por ordem do falecido grande rei Francisco, meu primeiro benfeitor, e concluí a obra inteira. E, tendo sido a tradução bastante bem recebida, mormente por vós, que, desde que a idade e o uso vos trouxeram a capacidade de ler e algum juízo natural, não queríeis ler em outro livro, isso me deu desde então vontade de pôr também na vossa língua as suas outras obras morais e filosóficas.*[2]

Eis o que está entendido: a história de Constantino, de Teodósio, de Carlos Magno, de são Luís e de tantos outros santos reis ou imperadores era menos própria para formar o espírito e o coração de um príncipe cristão do que as vidas de Teseu, de Rômulo, de Licurgo, de Sólon, de Péricles, de Mário, de Sula, de César, de Trasíbulo e de Bruto! Logo as santas letras desaparecem da educação; já não têm acesso nos colégios; e cem anos depois de Amyot, Fénelon compõe, para uso do herdeiro do Reino Cristianíssimo, um evangelho de que Telêmaco é o discípulo, Mentor o intérprete, Minerva o inspirador, e o mais puro paganismo o fundo e a forma.

É com o mesmo fim que, em vez de escrever a vida e as máximas dos nossos grandes homens e dos nossos grandes santos para formar o espírito e o coração do duque de Borgonha, o venerável arcebispo de Cambrai julga dever consagrar o seu gênio e o seu tempo a analisar, a traduzir a *Odisseia*, a fazer um resumo da vida dos filósofos antigos com as suas máximas: Tales, Sólon, Pítaco, Bias, Periandro, Quílon, Cleóbulo, Epimênides, Anacársis, Pitágoras, Heráclito, Anaxágoras, Demócrito, Empédocles, Sócrates, Platão, Antístenes, Aristipo, Aristóteles, Xenócrates, Diógenes, Crates, Pirro, Bíon, Epicuro, Zenão.

Enfim, em nossos dias, proclama-se diante da Europa que a antiguidade é tudo o que há de mais belo no mundo.

É em meio a esse concerto de elogios dados ao paganismo, aos seus falsos grandes homens, às suas falsas glórias, às suas falsas virtudes; é ao ruído retumbante das suas guerras e das suas batalhas, ao espetáculo contínuo das suas violências e das suas injustiças, que há três séculos se forma a juventude da Europa. É a semelhante escola que se pretende fazê-la haurir os sentimentos de justiça, de brandura, de modéstia, de subordinação, de indulgência, de abnegação, de humildade, de caridade que são o próprio espírito do Evangelho e as condições vitais das sociedades cristãs!

Mas como! Se se quisesse formar homens injustos, altivos, orgulhosos, insubordinados e, na ocasião, devastadores de províncias, poder-se-ia proceder de outro modo? Não foi assim que se prepararam os heróis demasiado famosos dessa guerra dos trinta anos que cobriu de sangue e ruínas três quartos da Europa; guerra pagã, em que se cometeram mais horrores e mais infâmias do que o mundo vira havia dez séculos; guerra selvagem, que destruiu mais monumentos e obras-primas de todo gênero do que haviam destruído as hordas bárbaras? Não é da mesma escola que saíram os chefes dos nossos exércitos revolucionários, os ferozes procônsules que passearam a devastação de Paris a Nápoles, de Lisboa a Moscou e que, como os heróis da antiguidade, voltaram trazendo nos seus furgões não somente o ouro e a prata, mas as riquezas artísticas de todos os povos vencidos? Não era a sua conduta que se gloriavam de imitar e os seus nomes que invocavam?

Entretanto a guerra exterior é apenas uma parte do espetáculo oferecido à juventude pelo paganismo clássico; as lutas intestinas completam o quadro. Que vimos na história interior de Esparta, de Atenas, de Roma sobretudo, que se procura dar-nos a conhecer melhor? O antagonismo constante das classes inferiores e das classes superiores da sociedade; o horror dos reis, designados com o nome de tiranos; o ódio inveterado dos plebeus contra os patrícios e dos patrícios contra os plebeus; as tempestades no fórum, as retiradas ao monte Sagrado, as leis agrárias, a intervenção dos tribunos e a popularidade dos conspiradores; dissensões sempre renascentes, facções sempre prontas a vir às mãos, o sangue dos cidadãos inundando as ruas e praças das cidades e o ostracismo banindo alternadamente os vencedores da véspera, vencidos do dia seguinte.

Belos exemplos, sublimes preceitos, preciosas sementes a depositar na alma da juventude francesa! E sob o nome de Tarquínio detestávamos a realeza; apaixonavam-nos alternadamente pelo povo e pela nobreza, pelos Gracos e por Druso, por Mário e por Sula, por Pompeu e por César.

E quase todos tomávamos partido pelo povo e seus tribunos, e sentíamos nascer em nós o ódio do poder e o ciúme da superioridade de nobreza ou de fortuna.

Acrescentai a isso um patriotismo selvagem que não respeita nem o direito natural, nem o direito das gentes, nem os laços mais sagrados da natureza. É Cévola que queima a mão por ter falhado em assassinar Porsena; é Bruto que mata os filhos suspeitos de conjura contra a pátria; é um segundo Bruto que apunhala César, seu benfeitor, e outros ainda que se exaltam como os tipos do patriotismo, como os adoradores sublimes da liberdade.

> *Que é ainda esse patriotismo, o belo lado do mundo antigo? O ódio ao estrangeiro; destruir toda civilização, sufocar todo progresso, passear pelo mundo o archote e a espada, acorrentar mulheres, crianças, velhos aos carros de triunfo, era essa a glória, era essa a virtude. A essas atrocidades estavam reservados o mármore dos estatuários e o canto dos poetas. Quantas vezes os nossos jovens corações não palpitaram de admiração, ai!, e de emulação diante desse espetáculo! Foi assim que os nossos professores, veneráveis sacerdotes, cheios de cuidados e de caridade, nos preparavam para a vida cristã![3]*

E esses tempos, chamam-nos os tempos modelo, os tempos do heroísmo e da grandeza de alma; e essa antiguidade pagã, onde se cumpriam tais atos,

> *a mais bela coisa do mundo, o asilo calmo, tranquilo e sadio, destinado a conservar a juventude fresca e pura.[4]*

Tal é a atmosfera em que respira há três séculos a juventude da Europa.

Enfim, a árvore deu os seus frutos. Julgara-se que se podia impunemente entregar ao paganismo a nossa educação, a nossa literatura, os nossos teatros, como se a lógica do tempo não tirasse sempre, com inflexível rigor, as consequências práticas das teorias depositadas no coração das gerações nascentes. Hoje a venda fatal caiu: a revolução francesa foi a tradução sangrenta das nossas ideias de colégio. Explica-se, sem dúvida, por causas alheias ao ensino clássico. Mas é permitido duvidar de que esse ensino nela tenha misturado uma multidão de ideias falsas, de sentimentos brutais, de utopias subversivas, de experimentações fatais? Leiam-se os discursos pronunciados na Assembleia Legislativa e na Convenção: não são mais que prosopopeias, invocações, apóstrofes a Fabrício, a Catão, aos dois Brutos, aos Gracos, a Catilina. Vai-se cometer uma atrocidade? Acha-se sempre, para glorificá-la, o exemplo de um romano.

> *O que a educação pôs no espírito passa aos atos. Convencionou-se que Esparta e Roma são modelos: logo é preciso imitá-las ou parodiá-las. Um quer instituir os*

> *jogos Olímpicos, outro as leis agrárias e um terceiro o caldo negro dos escravos. "Que queria Robespierre? Elevar as almas à altura das virtudes republicanas dos povos antigos.[5] Que queria Saint-Just? Oferecer-nos a felicidade de Esparta e de Atenas, e que todos os cidadãos trouxessem sob a roupa o punhal de Bruto.[6] Que queria o sanguinário Carrier? Que toda a juventude encare doravante a braseira de Cévola, a morte de Cícero e a espada de Catão. Que queria Rabaut Saint-Étienne? Que, segundo os preceitos dos cretenses e dos espartanos, o Estado se apodere do homem desde o berço e mesmo antes do nascimento.[7] Que queria a seção dos Quinze-Vingts? Que se consagre uma igreja à Liberdade e se erija um altar em que arderá um fogo perpétuo mantido por jovens vestais.[8] Que queria a Convenção inteira? Que as nossas comunas só encerrem doravante Brutos e Publícolas."[9]*

Não somente o paganismo respira por inteiro nos discursos, nas máximas e nos atos privados; passa às leis, aos costumes públicos e aos nomes. O direito do mais forte, hedionda lei do mundo antigo, torna-se a única regra dos legisladores. O sangue inocente enrubesce o cadafalso e mistura-se em torrentes às ondas dos nossos rios; a espoliação está na ordem do dia em toda a França.

Nas festas públicas volta toda a mitologia: os Gênios, o Tempo, a Velhice, as Estações, os carros puxados por bois de chifres dourados; nas praças, nas ruas reaparecem as bacantes de cabelos soltos. A mais infame das deusas pagãs volta aos altares; tem os seus sacerdotes e os seus adoradores; o Panteão recebe os cidadãos julgados dignos da apoteose. Temos a república, o povo-rei, liceus, ateneus, pritaneus, ginásios, hipódromos, circos olímpicos, comícios, municipalidades, prefeitos, cônsules, um ditador, um tribunato, um senado, um imperador, decretos, senatus-consultos, a águia conduz as nossas legiões à vitória, e para que nada falte a essa atroz e burlesca paródia, obrigam-nos a pôr o barrete frígio. Os costumes tornam-se ferozes, o tratamento por *«tu»* volta à linguagem; o juramento de ódio à realeza é renovado dos romanos; por toda parte invocam-se os seus manes; Bruto tem imitadores. Os franceses do século XVIII gloriam-se de trazer os nomes de Catão, de Cévola, de Mânlio, de Anacársis, de Drácon, de Simônides, de Sócrates, de Graco, de Anaxágoras.

Como puderam semelhantes loucuras, para não dizer semelhantes atrocidades, produzir-se com tão estranho êxito? Charles Nodier vai responder. Depois de pintar as cenas horríveis da revolução e o desvario das assembleias populares, acrescenta:

> *"O que há de notável é que estávamos todos prontos para essa ordem de coisas excepcional, nós outros escolares a quem uma educação anômala e anormal preparava assiduamente desde a infância para todas essas aberrações de uma política sem base. Não havia grande esforço em passar dos nossos estudos de colégio aos debates do fórum e à guerra dos escravos. A nossa admiração estava ganha de antemão para as instituições de Licurgo e para os tiranicidas*

> *das Panateneias: nunca nos haviam falado senão disso.*

> *Os mais velhos de entre nós contavam que, na véspera dos novos acontecimentos, o prêmio de composição de retórica se disputara entre dois discursos, à maneira de Sêneca, o orador, em favor de Bruto, o antigo, e de Bruto, o jovem. Não sei quem levou a palma aos olhos dos juízes, se o que matara o pai ou o que matara os filhos; mas o laureado foi encorajado pelo intendente, acarinhado pelo primeiro presidente e coroado pelo arcebispo. No dia seguinte falou-se de uma revolução e espantaram-se com ela, como se não se devesse saber que fora feita na educação do povo.*

> *Se a moda dessas suasórias pedantescas voltasse a renovar-se, e se se tratasse de decidir quem mais contribuiu, Voltaire ou Rousseau, para o aniquilamento das nossas velhas doutrinas monárquicas e religiosas, confesso que ficaria bastante embaraçado quanto à escolha; mas não dissimularia que Tito Lívio e Tácito tiveram nisso boa parte. É um testemunho que a filosofia do século XVIII não pode deixar de render aos jesuítas, à Sorbonne e à Universidade.*[10]

Notas

[1] *Essai sur l'indiff.* [Ensaio sobre a indiferença], t. II, prel., p. XIX e XX.

[2] *Epistre au Roi Très-Chrestien Charles IXe de ce nom* [Epístola ao Rei Cristianíssimo Carlos IX deste nome]. Ed. de 1582.

[3] *Baccalauréat et socialisme*, p. 46.

[4] Sr. Thiers, *Rapport*, etc., 1844.

[5] 3 nivoso do ano II.

[6] 23 nivoso do ano II.

[7] 16 de dezembro de 1792.

[8] 19 de março de 1794.

[9] *Baccalauréat et socialisme*, p. 48 e 58.

[10] *Souvenirs* [Lembranças], t. I, 88.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:46 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:46 by Admin